

A Blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação¹

PAULO JORGE SOUSA
ELOY RODRIGUES
MURILO BASTOS DA CUNHA
ANA NEVES
ANTÓNIO SÁ SANTOS
ARMANDO MALHEIRO
ELISABETH ADRIANA
DUDZIAK
FERNANDA RIBEIRO
GUILHERMO REIS
MICHEL MENO
MIGUEL FERREIRA
LUÍS BORGES GOUVEIA
ROBSON SANTOS

PALAVRAS-CHAVE

BLOGUE

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SISTEMA DE INFORMAÇÃO

COMPORTAMENTO
INFORMACIONAL

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A B S T R A C T

This paper presents some views, concepts and thoughts on the perspective of information science, about the use of blogs. Firstly, we discuss the exponential growing of blogs and the lack of precision on their definition. Secondly we reflect about blogs as an expression of the human desire to be heard and understood, the emerging of a new model of mass communication (Mass Self Communication), blogs as (technological) information systems, personal and institutional blogs.

Finally, we analyse the blog on the field of information science, from information management, to other subjects as preservation, copyright, info-literacy, the use of blogs by information services and the advantages of blogs to information professionals.

R E S U M O

Neste artigo são expostas algumas perspectivas, conceitos e reflexões sobre o acesso e o uso dos blogues, sob o prisma da Ciência da Informação.

Numa primeira fase, aborda-se o crescimento exponencial dos blogues e as imprecisões na sua definição.

Segue-se uma breve reflexão:

os blogues como expressão do desejo das pessoas em serem ouvidas e compreendidas; o despontar de um novo modelo de comunicação em massa (*Mass Self Communicaction*); o blogue enquanto sistema (tecnológico) de informação, e os blogues institucionais e pessoais.

Por último, aborda-se o blogue no campo da Ciência da Informação, desde a gestão à preservação da informação, ao direito de autor, à info-literacia, à aplicação dos blogues nos Serviços de Informação e aos dividendos que os profissionais da informação podem retirar dos mesmos.

Introdução

O blogue (no Brasil, designado como *blog*) é um fenómeno novo no vasto mundo da Internet. O seu impacto começa a ser motivo de investigação nas áreas da Comunicação, Sociologia, Psicologia Social, Ciência da Informação e mesmo da Administração de Empresas. Deste modo, este movimento pode estar na origem do surgimento de um novo modelo de comunicação.

Através dos blogues, qualquer pessoa pode expressar e difundir as suas ideias, opiniões e comentários, ocupando um território que até há pouco era exclusivamente dos jornalistas. Será que chegou a hora e a vez do cidadão comum?

À semelhança dos meios de comunicação tradicionais, são os leitores quem determina o sucesso de cada blogue. Se o blogue cumprir algum papel social, ele terá sucesso e será consultado (ou acedido) por leitores interessados em ler conteúdos ou comentários. Este novo meio “alternativo” poderá apresentar uma visão diferente da mesma problemática, trazendo assim um valor acrescentado à informação difundida. Portanto, tendencialmente, os blogues deverão difundir conteúdos mais opinativos do que informativos – pois a não ser assim, eles terão enormes dificuldades em concorrer ao mesmo nicho de mercado ocupado pelos canais de comunicação de massa. Este carácter opinativo de cunho relevante fará com que os blogues possam sobreviver num futuro próximo.

Os blogues são mais do que espaços sociais “colaborativos” e, se bem editados e difundidos, podem ser um novo instrumento social relacionado com a acumulação do conhecimento gerado a partir da prática, da sabedoria e do discernimento dos seus próprios leitores.

Mas, e na área de Ciência da Informação? Que impactos poderão gerar os blogues? São estas as questões que estão na base do presente artigo, que contou com a colaboração de especialistas de diversas áreas e de diferentes países.

O artigo está dividido em duas secções principais: na primeira são analisadas algumas facetas do blogue, nomeadamente: o desejo das pessoas em serem ouvidas e compreendidas; uma breve reflexão sobre o paradoxo do blogue como um diário que não é secreto; os aspectos tecnológicos dessa nova ferramenta; e, por último, o desenvolvimento dos blogues institucionais no seio das organizações. Na segunda secção, são abordados os aspectos relacionados com a Ciência da Informação, sendo analisados os aspectos ligados à utilização dos blogues nos Serviços de Informação, a gestão da informação, a preservação digital, o direito autoral, a info-literacia

ou literacia informacional e, por último, o ganho dos profissionais da informação com o uso dos blogues.

O que é um blogue?

Um blogue é acima de tudo um sítio web onde são colocadas mensagens (habitualmente designadas por *posts*), por ordem cronológica invertida, sobre um ou vários temas.

O conceito de blogue existe desde 1997. Em meados de 1999, o blogue (originalmente designado “*webblog*”, sendo posteriormente reduzido a “*blog*”) foi intensamente utilizado pelos jovens como uma espécie de diário virtual, onde iam divulgando as suas alegrias, tristezas e revoltas, geralmente ilustradas com fotos. Na sua evolução, encontram-se dois tipos: o blogue-agenda que “regista pensamentos, ideias, actividades, apontamentos de livros lidos, etc.”; e o blogue mural que “funciona como um jornal de parede onde se expõem artigos de opinião, notícias e até imagens de guerra ou outro acontecimento importante, em primeira-mão, sem compromissos nem censuras.” Além disso, este veio posteriormente a abranger outros temas como a música, a literatura, a pornografia, entre outros, e, actualmente, “(...) para além dos géneros citados, é um jornal, uma tribuna, ou uma ferramenta de trabalho, para jornalistas, professores, famílias, etc. Nele se colocam textos (notas – *posts*), diariamente ou quase, e são objecto de leitura para muita gente que gosta de os ler e comentar” (BENEDITO 2003, p. 30-31).

Na blogosfera, designação atribuída ao universo de blogues existentes na Internet, é possível encontrar milhões de blogues, variando desde a qualidade da informação disponibilizada, até à sua temática. Assim, estes podem ser classificados como blogues pessoais, educacionais, temáticos, científicos, colaborativos, de fotografia (*flogs* ou fotoblogues), organizacionais, entre outros. Em relação ao seu conteúdo temático, VEGA e ROJO (2003) classificaram os blogues como:

- temáticos: páginas dedicadas a uma disciplina ou assunto;
- corporativos e colaborativos: páginas similares a um “mural virtual” de uma organização, com notícias ou com objectivos institucionais, ou mantidos por um grupo de indivíduos;
- pessoais: mensagens de/sobre um indivíduo.

No concorrido negócio de indexação das páginas web, os motores de busca ou mecanismos já entenderam que os blogues seriam um novo nicho de mercado.

A primeira empresa especializada na indexação de blogues foi a Technorati². O gigante Google, apercebendo-se da importância deste fenómeno, também disponibilizou um serviço de pesquisa de blogues. Deste modo, estes encontram-se cada vez mais refinados, nomeadamente com a disponibilização de ferramentas e serviços como RSS³ e Tag Cloud⁴. De acordo com COBO ROMANÍ e PARDO KUKLINSKI (2007, p. 66), o universo do blogue baseia-se na ideia de que qualquer pessoa pode escrever na Internet e construir um espaço de conversação que contribua para reforçar as suas relações sociais.

Neste sentido, a blogosfera tem ganho bastante relevo no seio das redes sociais que compõem a Web, ao ponto de colocar 22 blogues entre os 100 sítios web mais populares (SIFRY 2007).



FIGURA 1
EXEMPLO DO IBSN DO BLOGUE A INFORMAÇÃO

Em 2006, face à crescente produção de informação que surgia nos blogues, foi criado à semelhança do ISBN (International Standard Book Number), o IBSN (Internet Blog Serial Number)⁵, com o objectivo de garantir o direito dos autores sobre a informação publicada, facilitando a referência dos conteúdos do blogue (ver figura 1).

Deste ponto, sobressaem algumas notas ou *posts* a propósito do conceito de blogue. A primeira é a contradição original que traz desde a origem: assemelhar-se a um diário íntimo na intenção do conteúdo e ser registado num suporte tecnológico extraordinariamente vocacionado para um amplo e indiscreto acesso!... A segunda, tem a ver com a constatação de que o blogue tende muito a ser assunto dos profissionais da comunicação geral e do jornalismo em particular, o que representa uma abordagem parcial do documento em causa, uma vez que ele remete não apenas para o seu directo autor (pessoa singular, colectiva e institucional ou organizacional), mas também para o contexto específico e para a dimensão espaciotemporal envolvente. Por último, uma terceira nota: introduz-se a questão de saber

como se aborda o blogue em Ciência da Informação e a resposta que surge é a que decorre do clássico legado biblioteconómico, documentalístico e arquivístico da C. I., ou seja, da aposta na preservação. Preservar o blogue parece ser o alfa e o ómega da abordagem informatológica. No entanto, pensar isso é ficar num claro reducionismo profissionalizante. Pensar sistemicamente é, a nosso ver, uma forma de superar esse estreitamento de perspectiva: o blogue não é apenas um objecto digital como os informáticos consideram, preocupados como estão e estarão com a explicação do complexo tecnológico que lhes cabe montar e aperfeiçoar, é informação registada num determinado suporte e essa informação é uma pequena parcela de uma heterogénea totalidade informacional (o sistema de informação) gerada/colhida por alguém que nela se projecta por inteiro.

O BLOGUE E AS SUAS DIVERSAS FACETAS

Blogue: a voz do povo ou a vez do povo?

Em 2006, CASTELLS (2006) introduz um novo conceito para definir uma nova configuração de comunicação em massa. Trata-se da Mass Self Communication (a intercomunicação individual), a qual se caracteriza por ser produzida, recebida e experienciada individualmente, encontrando-se presente na Internet e no desenvolvimento dos telemóveis. Este novo modelo de comunicação foi readquirido pelos movimentos sociais de todo o mundo, contudo, os meios de comunicação tradicionais tentam acompanhar este movimento, baseando-se no seu poder de intervenção comercial e mediático, envolvendo-se com o maior número possível de blogues. Esta acção é bem visível a nível nacional, com maior incidência nos jornais de grande tiragem. A massa crítica expande-se cada vez mais, recorrendo ao *software* social – como blogues, *wikis*, fóruns, entre outras ferramentas –, devidamente suportada e alimentada pelas redes sociais, para agir sobre os grandes meios de comunicação, como agente de controlo da informação transmitida.

A possibilidade de haver um ambiente onde qualquer pessoa pudesse emitir as suas opiniões e visão do mundo balançou, em parte, o universo das comunicações. Os blogues assumem uma grande relevância na ruína do conceito de “formadores de opinião”. De um modo geral, os formadores de opinião são membros de um selecto grupo estabelecido pelo *status quo* que, pela sua projecção na sociedade, têm o poder de mobilizar a massa e “formar” a sua opinião.

Desta forma, a população poderia tender a encarar uma situação sob determinada perspectiva pelo facto de alguma figura proeminente ter emitido a sua visão a respeito de um assunto. Com a popularização do acesso à Internet e com a disponibilização de ferramentas gratuitas para criação de blogues, o cidadão comum, e não só o especialista em informática ou em Internet, pode utilizar um canal onde a sua opinião passou a ser encarada como importante por um grande número de outros cidadãos que produzem e consomem informação de uma forma emergente. Contudo, devemos ter em mente que este progresso ou regressão do ser humano está dependente da disponibilidade de recursos financeiros, de infra-estruturas, de equipamentos, da competência e da liberdade para aproveitar as TIC, que se encontram fora do alcance da maioria dos seres humanos de hoje.

Esse movimento de baixo para cima colocou em cheque a opinião emitida por uma única fonte, seja um meio de comunicação ou uma celebridade, tornando possível que milhares de pensadores independentes se organizassem de forma surpreendente, fazendo com que os meios de comunicação tradicional e as empresas passassem a atentar as diversas falas autónomas e, até mesmo, a utilizá-las como indicadores do seu desempenho perante a sociedade. Hoje, existem desde blogues que tratam de questões técnicas, até aqueles que relatam a experiência de mães com o crescimento dos seus filhos. Existe audiência para todos, há colaboração, em todos está presente a voz do povo. Chegou a vez do povo se fazer ouvir!

Devemos ter em atenção que ainda nos encontramos numa fase de adaptação da sociedade ao universo digital, à recriação de novos modelos de comunicação, de socialização, de demarcação de poderes, de adaptação dos valores éticos e morais, etc.

Na Web, os limites da liberdade de expressão são ténues. Durante décadas, os governos adaptaram-se e regulamentaram o controlo sobre os grandes meios de produção e distribuição da informação, pois eram estes que contavam a história. Hoje, a realidade é diferente, os meios digitais estão a desmoronar o modelo tradicional. Um dos primeiros indícios desta conjuntura vem de Itália, com a aprovação por parte do Conselho de Ministros do envio de um projecto de lei ao Parlamento, que prevê que todos os “blogueiros” passem a registar-se numa entidade própria, ganhando certificados e pagando impostos, mesmo que o objectivo do blogue não seja comercial (TROCINO 2007).

Para CASTELLS (2006), esta situação não significa que tenhamos de um lado os meios de comunicação aliados ao poder e do outro as Mass Self Communication,

associadas aos movimentos sociais. Pelo contrário: cada um actua sobre uma dupla plataforma tecnológica, mas a existência e o desenvolvimento das redes de Mass Self Communication oferecem à sociedade uma maior capacidade de controlo e intervenção.

Blogues: um diário que não pode ser secreto

Inicialmente, um dos objectivos dos blogues era permitir a disponibilização de texto, contudo, a sua evolução seguiu fielmente a mesma metáfora dos diários em papel e, actualmente, permitem a inclusão de fotografias, vídeos, sons e todo um conjunto de conteúdos multimédia, como pequenas lembranças que as meninas adolescentes colam nas páginas dos seus diários em papel. Porém, os blogues introduziram uma diferença interessante na relação do diário com o seu autor. Enquanto o seu antecessor era secreto, trancado e escondido como contado nos romances literários, os diários virtuais são escritos para serem vistos, lidos e comentados por pessoas dos quatro cantos do planeta.

Mas, como é organizada a informação? Qual a preocupação com a arquitectura de informação interna dos blogues?

Pelo mimetismo dos diários em papel, o blogue possui intrinsecamente uma organização cronológica, apresentando, do mais recente para o mais antigo, todos os *posts* registados. Essa organização é bastante eficiente para leitores frequentes, que acompanham, pela visita directa ou por leitores de RSS, cada novo registo, como capítulos de uma telenovela.

Muitos dos registos (*posts*) são atemporais. São factos, desabafos e opiniões que não necessitam de um antes e um depois para serem compreendidos. São unidades autónomas de informação que não participam do enredo de uma história.

Nesses registos atemporais, a organização cronológica exacta, dotada automaticamente pela ferramenta blogue, não ajuda os leitores a encontrar a informação desejada ou a recuperá-la algum tempo depois de a ter lido, porque carecem de atributos mais informativos. A lembrança da ideia, da opinião, do assunto narrado no *post* é mais forte do que a data em que foi publicado.

Cabe aos autores criar outros esquemas de organização para classificar as ideias registadas nos seus blogues, como são as editoriais dos jornais diários. Isso permite que a informação seja recuperada não apenas pelos visitantes que já chegaram

ao blogue, mas também pelos “internautas” que ainda estão distantes, nos motores de busca.

Para isso, porém, os autores necessitam de ultrapassar o paradigma do diário secreto. Os blogues não podem ignorar os seus leitores e utilizar palavras-chave e esquemas de organização que apenas o autor compreenda, justamente porque escreveu como quem regista as suas confissões íntimas.

Os bons blogues não se confinam ao registo de informação, são ferramentas de diálogo, e, por isso, precisam que os seus autores se esforcem realmente por criar esquemas de organização da informação, para que os seus leitores encontrem com facilidade a informação que desejam. Afinal, se é a vontade de ser ouvido que nos motiva a escrever, sem uma boa organização, um blogue é apenas mais um ruído no meio do barulho da multidão.

O blogue enquanto sistema (tecnológico) de informação

Os blogues enquadram-se no seio do *software* social, definido por DAMES (2004) como sendo qualquer *software* que permita a duas ou mais pessoas interagir colaborativamente, mesmo estando em locais diferentes. A colaboração pode ocorrer sincronamente ou assincronamente, e o seu uso implica o desenvolvimento de comunidades virtuais, potenciando a disseminação de informação e o aumento do conhecimento colectivo. Segundo CARDOSO (2007), mais do que a tecnologia envolvida, a grande diferença no uso do *software* social está no enfoque que é dado à participação colectiva.

Pela sua facilidade de uso, acesso e partilha da informação, os blogues assumem-se como um meio potenciador do fenómeno info-comunicacional (informação – conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas, signos e símbolos, e modeladas com/pela interacção social + comunicação – partilha de ideias e emoções entre os seres humanos de forma assíncrona e multidireccionada). No entanto, estes também podem ser encarados de dois modos distintos: primeiro, o blogue é um sistema tecnológico de informação, assente num conjunto de protocolos, linguagens e serviços em linha bastante padronizados; segundo, o blogue, na sua essência, constitui-se de manifestações do fenómeno informação em suporte electrónico, tornando-se o elemento constituinte do Sistema de Informação de um determinado indivíduo ou organização.

É na noção de Sistema de Informação que se colocam alguns dos dilemas mais importantes em torno dos blogues, nomeadamente como tratar esta informação em termos arquivísticos ou biblioteconómicos? Um blogue pode registar elementos muito relevantes acerca do comportamento informacional do seu mentor, nomeadamente, os seus textos, fontes de informação, *bookmarks*, ligações aos arquivos de imagens, vídeos, apresentações, fóruns, serviços de relacionamento, página pessoal, entre outros. Contudo, em que medida se pode delimitar, em termos sistémicos, o sistema de informação de um indivíduo, ou organização, que extrapola os suportes tradicionais e se dilui pela Web? Como tratar, gerir, preservar e facultar toda a informação de uma forma integrada, coerente e realista com o Sistema de Informação original?

Com o intuito de gerir a informação mais eficientemente, há organizações que recorrem a soluções híbridas, integrando características de blogues e *wikis* numa única aplicação, para aumentar a sua produtividade. Um *wiki* permite organizar e estimular a produção de informação pela organização, enquanto o blogue possibilita o relacionamento com os seus clientes e utilizadores. O uso do correio electrónico como ferramenta de colaboração entre equipas tem vindo a decrescer, quer pelo tempo que os colaboradores levam a gerir o correio electrónico, quer pela adopção de programas de mensagens instantâneas (*instant messaging*), quer pela adopção de *wikis* e blogues.

Blogues institucionais

Blogues institucionais são blogues mantidos por organizações, escritos por um ou mais colaboradores, e disponíveis internamente ou abertos ao público em geral.

Os blogues internos começam a ser usados como forma de promover o diálogo entre colaboradores em empresas de média/grande dimensão e/ou com diversos escritórios. São especialmente úteis quando usados como forma de partilhar experiências e aprendizagem no contexto do trabalho organizacional.

Ao contrário da maioria dos blogues comuns, os blogues internos às organizações estão abertos à contribuição de qualquer colaborador. Esta característica, bem como o seu carácter descontraído e informal, faz com que os blogues não recebam o mesmo tipo de reacções defensivas tão comuns perante os tradicionais sistemas tecnológicos para partilha e arquivo de informação.

A possibilidade de comentar os *posts* de alguém incentiva o diálogo e a troca de experiências e, conseqüentemente, a construção colectiva de conhecimento em torno de áreas importantes à actividade organizacional.

Da mesma forma, os blogues são uma excelente forma de construir uma memória colectiva em torno de um projecto ou de um acontecimento importante na vida da organização, por exemplo. E mais do que um relatório oficial escrito por um colaborador, os blogues permitem a várias pessoas oferecer as suas diferentes perspectivas. E isso é importante capturar.

Os blogues podem também ser usados sem benefício directo para a organização e podem mesmo ser considerados como uma perda de tempo e uma distração para os colaboradores. Como em tudo, é preciso conta e medida e é vital que os blogues sejam enquadrados na estratégia da organização e encarados como uma ferramenta estratégica.

Uma vez identificado o papel dos blogues para a organização, esta precisa de os manter vivos, i. e., com conteúdo recente e interessante, e garantir que os principais pontos de aprendizagem sejam identificados. Assim, será possível que as experiências e a aprendizagem partilhadas possam, efectivamente, passar a fazer parte da memória organizacional e usadas no futuro para evitar a reinvenção da roda e a duplicação de erros, aumentando a eficácia e a eficiência organizacionais.

Os blogues, geralmente associados com o registo na Internet de eventos pessoais ou com a partilha de opiniões de pessoas sobre acontecimentos públicos, vão começar, gradualmente, a entrar na esfera organizacional e a ser parte integrante das *intranets* e sítios web institucionais. O potencial é imenso: cabe às organizações a delicada tarefa de os posicionar e comunicar devidamente, e deles saber tirar partido.

O BLOGUE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Blogues e histórias para contar: uma perspectiva da Gestão da Informação

De diário digital a instrumento de divulgação, memória de actividade e até mesmo de participação cívica, os blogues rapidamente proporcionaram excelentes complementos para contar histórias e suportar a memória de actividade.

Com um nível razoável de interactividade, proporcionam também uma organização em rede que permite o estabelecimento de referências e preservação de origem de informação e respeito pela autoria. A possibilidade de elaborações mais ou menos sofisticadas de meios complementares expandem as funcionalidades básicas de cada bloco de mensagem e dos comentários associados, permitindo uma estrutura de fácil consulta e organização. O uso de RSS e leitores apropriados vêm, inclusive, permitir que o leitor de blogues organize o seu espaço de leitura e auxiliem-no no seu esforço de se manter informado num espaço onde a datação da informação é, ainda, a primeira peça de selecção da informação, em conjunto com a sua origem.

Deste modo, não admira o desenvolvimento de blogues colectivos com áreas de intervenção temáticas bem específicas, que ultrapassam o âmbito das empresas dos profissionais que as compõem. Adicionalmente, encontramos blogues institucionais ou corporativos que se estabelecem como novas propostas de canais com os seus parceiros ou, no caso do ensino, como meios de suporte à aprendizagem, quer ao nível da sala de aula, quer ao nível da própria escola. Em comum, todas estas propostas têm a possibilidade de constituir uma memória que permite uma forma alternativa de acesso à informação e à participação, e, muito importante, de contar a história das histórias da sua actividade.

No contexto de uma prática de gestão da informação actual, é exigido que os blogues sejam considerados também uma parte integrante dos sistemas de informação e proporcionem o valor necessário que justifique a sua utilização (por exemplo, as três regras básicas são: existir é ser descoberto; existir é ser simples e oportuno; e existir é ser fácil de entender). Por tudo isto, a classificação e demais técnicas associadas são centrais às novas propostas (espera-se que reinventando-as também).

No contexto nacional, os blogues possuem um papel na participação pública e no desenvolvimento das redes de saber que passam pela sua utilização e desenvolvimento na escola, nas bibliotecas, na empresa e no exercício de uma cidadania em nome pessoal ou em grupo. No seu conjunto, proporcionam uma inteligência social e cívica importante para uma sociedade que cada vez mais se distingue pela forma como consegue gerir e partilhar os seus activos de informação (e pela forma como o faz) – elementos essenciais para o desenvolvimento de boas práticas de Gestão da Informação.

A preservação da blogosfera

Os blogues não foram propriamente idealizados, tal como acontece com a generalidade da Web, para que a informação neles veiculada pudesse ser facilmente arquivada e preservada, servindo assim de testemunho para as gerações vindouras. Estudos revelam que o tempo de vida médio de uma página web se situa entre os 75 e os 100 dias (DAY 2003). Apesar de isto não ser inteiramente verdade no contexto dos blogues, não deixa de ter repercussões no que diz respeito à sua completude caso existam hiperligações a partir dos mesmos para zonas da Web mais transitivas. Não obstante, e ainda neste contexto, o crescente aparecimento de “baby blogs” desafia candidamente este conceito. Estes são fundamentalmente blogues criados por mães, geralmente primíparas, que procuram relatar o dia-a-dia dos seus recém-nascidos, com o objectivo de que estes, quando atingirem a idade adulta, os possam ler e, deste modo, apreciar os momentos de ternura passados inicialmente com a sua mãe.

Assim, é importante compreender que a responsabilidade pela preservação da blogosfera está, em primeiro lugar, nas mãos dos próprios *bloggers*. Realizar cópias de segurança do seu blogue e/ou dos seus objectos mais importantes pode ser a maior garantia de que o seu esforço de publicação não foi em vão. Em segundo lugar, está nas mãos do prestador do serviço de *blogging*, que deverá estabelecer políticas adequadas de salvaguarda dos dados e de migração dos mesmos. No entanto, o aumento do número de iniciativas de arquivo da Web e da investigação neste domínio (ainda muito incipiente), fazem antecipar que as responsabilidades passarão cada vez mais pelos organismos públicos de âmbito nacional responsáveis por preservar a memória da actividade humana (i. e., as Bibliotecas e os Arquivos Nacionais).

Mas a definição dos limites nacionais da Web não é propriamente uma tarefa fácil. Será o domínio de hospedagem da página suficiente para determinar os limites da Web nacional (.pt)? Certamente que não! Apenas 49% da Web portuguesa e 33% dos blogues nacionais estão registados em domínios .pt (GOMES 2007). O idioma dos conteúdos? Igualmente insuficiente devido à grande quantidade de páginas nacionais escritas noutros idiomas, bem como a existência de outros países que partilham a mesma língua (ou seja, a diversidade de países lusófonos). Será que devemos considerar o país onde o servidor que aloja os dados se encontra fisicamente? Obviamente que não!

A delimitação da Web e, neste caso concreto, da blogosfera nacional, é um problema complexo. No entanto, trata-se apenas a ponta do icebergue. Há ainda o problema dos formatos. Se por um lado, o texto de um blogue é um objecto relativamente fácil de preservar, o mesmo já não se poderá dizer de um vídeo obtido através do *YouTube*. Mesmo que se consiga recolher e arquivar integralmente essa informação, em toda a sua diversidade, terão ainda de ser estabelecidos mecanismos de migração para adaptar os formatos desses objectos às aplicações de visualização mais actuais. Para além disso, certos objectos, como animações Flash, são extremamente complexos de migrar podendo exigir formas mais elaboradas de assegurar a sua interpretação, como, por exemplo, o recurso a emuladores. Por sua vez, a evolução constante das tecnologias que dão suporte à própria Web fazem com que a sua preservação seja extremamente intrincada e onerosa.

Há, ainda, os problemas relacionados com os direitos de autor. Estratégias de arquivo indiferenciado da Web, onde não é possível estabelecer protocolos legais para a incorporação da informação publicada, acarretam o risco de infringir as leis da propriedade intelectual. O problema é ainda mais agudo no contexto da blogosfera, onde o plágio e a utilização ilegal de propriedade intelectual alheia são práticas comuns.

O direito de autor na blogosfera

Os direitos de autor assumem-se como uma questão incontornável que deve ser pensada e estudada, tendo em conta a diversidade e quantidade de documentos e conteúdos criados através dos blogues.

Os direitos de autor assumem aqui uma dupla vertente: a composição, criação e actualização do blogue por parte do seu autor/responsável e, numa segunda etapa, a disponibilização que é feita, desses mesmos conteúdos, a todos quantos acedam ao blogue.

A colocação de conteúdos em blogues é bastante ampla e diversificada. Desde simples textos, a imagens, em movimento ou não, ou registos sonoros, as hipóteses são imensas. Mas até que ponto ponderamos a hipótese de ter de pedir autorização para essa utilização? A correcta identificação da origem do conteúdo pode solucionar o problema, mas a dimensão que é difundida no blogue deve ser ponderada.

O mesmo sucede quando são os responsáveis dos blogues, a reclamar para si direitos de autor. Até que ponto estão disponíveis para permitir a livre utilização dos seus trabalhos? Neste ponto, a adesão às Creative Commons pode ser a melhor forma de solucionar a questão. Assim, ao definir até que ponto se permite a utilização do seu conteúdo fica dissipada qualquer tipo de dúvida para quem acede e queira fazer uso dele. Permite-se que a informação produzida pelo autor seja citada, referindo-a ou reproduzindo-a e dinamiza-se, desta forma, a produção científica e cultural, sem qualquer tipo de problemas. É dada ao autor a faculdade de exercer um controlo sobre os seus trabalhos.

Neste meandro de difícil gestão, o principal interveniente, o “blogueiro”, representa dois papéis distintos, como criador e difusor de conteúdos da sua autoria, ou não, mas unidos pelo mesmo fio condutor: o direito de autor.

A importância dos blogues para a info-literacia

Os blogues, pela quantidade de informação que produzem e replicam, acabam por contribuir largamente para o aumento da entropia informacional ou excesso de informação (*information overload*) na Web. Contudo, de uma forma paralela, também se têm desenvolvido ferramentas que permitem integrar os princípios das taxonomias e das folksonomias⁶, recriando-se novas formas de classificar e organizar a informação digital. A colaboração dos utilizadores da Web no tratamento da informação pode ser fundamental para reduzir o ruído informacional que tende a aumentar continuamente. E nós, profissionais da informação, também temos um papel relevante neste domínio, como informar, orientar e formar os utilizadores da Web para que melhorem as suas competências no tratamento da informação que disponibilizam. Os blogues são uma ótima ferramenta para esta causa, quer pela disponibilização de conteúdos, de casos práticos, de serviços em linha (potencialmente replicados pelos utilizadores nos seus blogues), quer pela interactividade que se pode proporcionar, ao potenciar a troca de experiências. Através dos blogues é possível ensinar interagindo (*learning-by-interacting*) com a comunidade, a título de exemplo, com a publicação de um *post* é possível comunicar por VoIP, correio electrónico, *chat*, telemóvel ou outro meio.

Por sua vez, a cada dia que passa cresce a importância dos blogues como vias informacionais de mão-dupla entre os “blogueiros”, que criam os seus próprios espaços de expressão e criatividade, e os leitores, que se mantêm informados

e exercitam o seu sentido crítico, podendo também partilhar as suas ideias e informações. Em todos os segmentos (empresarial, educacional, governamental, comunidades) os blogues têm despertado interesse como ferramentas de comunicação e aprendizagem.

O espaço dos blogues é um terreno fértil para a interação social. Diversos temas podem ser abordados: discutem-se tendências, disseminam-se práticas, previnem-se crimes cibernéticos, aprimora-se a escrita, compartilha-se a fala das comunidades, exercita-se a palavra e a cidadania. Em última análise, os blogues relacionam-se com o pleno exercício da info-literacia crítica.

O uso e criação de blogues potenciam a competência informacional, ou seja, a mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes relacionadas no “domínio” do universo informacional. Estas ferramentas também contribuem para a criação de comunidades inteligentes, uma vez que, pela sua própria dinâmica, conduzem à coesão social. Isso significa que podem proporcionar melhores condições de qualidade de vida (saúde, educação, serviços sociais e cidadania) à população, quer pela partilha de informação e ideias, quer através da aprendizagem real e significativa.

Os blogues nos Serviços de Informação

O *software* social (blogues, *wikis*, fóruns, entre outros) é, cada vez mais, associado aos ramos aplicados da Ciência da Informação. Deste modo, quer os constructos convencionais (Arquivo, Biblioteca, Centro de Documentação), quer os sistemas informáticos (sistemas tecnológicos de informação) na óptica dos utilizadores / clientes em contextos orgânicos, subsumidos na teoria sistémica pelo conceito operatório de Sistema de Informação (SILVA 2006) requerem uma avaliação profunda por parte dos profissionais da Informação antes da sua disponibilização.

Antes e após a disponibilização de serviços com base nestas ferramentas, deve analisar-se o comportamento informacional dos utilizadores, dado que, cada biblioteca ou arquivo, se insere num meio ambiente próprio, no qual os utilizadores podem ter comportamentos distintos e necessidades muito próprias.

Por sua vez, também deverá ser avaliado o modelo de gestão da informação adoptado, assim como a organização e representação da informação. O descaramento na avaliação dos blogues e respectivos serviços pode colocar em causa a sua

sobrevivência, dado que, na inexistência da realimentação e interacção constante por parte dos utilizadores, o sistema pode perder o seu interesse e respectivo valor informacional.

A massificação de conceitos como Biblioteca 2.0, Arquivo 2.0, entre outros, não garante que estas ferramentas se constituam como um novo paradigma da nossa área, nem mais-valias para os utilizadores. Devemos entender que o modelo tradicional persiste, ou seja, de um lado temos os Serviços de Informação, e do outro, o utilizador. O que estas ferramentas vieram facilitar foi o acesso à informação e aos serviços prestados pelas Bibliotecas ou Arquivos, podendo até, potenciar a intervenção do utilizador no desenvolvimento e gestão de conteúdos e novos serviços.

A mais-valia do *software* social, em geral, e dos blogues, em particular, passa pelo aproveitamento da inteligência colectiva e social dos utilizadores dos Serviços de Informação após o seu uso. Não chega à organização ser capaz de recompilar a informação, é necessário tratá-la e disponibilizá-la a toda a comunidade, por exemplo, o comentário a um livro disponibilizado no catálogo só é útil se outros utilizadores o puderem consultar. O sucesso da disponibilização destas ferramentas reside na confiança depositada nos utilizadores, nas suas acções, no uso que fazem dos serviços de informação – é, portanto, uma questão de atitude.

Entre alguns dos exemplos de potenciais serviços que podem ser prestados através dos blogues pelos Serviços de Informação, destacam-se:

- publicar notícias, novidades bibliográficas e promoção dos serviços e produtos de informação;
- disponibilizar blogues temáticos, podendo ser geridos em colaboração com utilizadores especializados nos respectivos domínios;
- pesquisa no catálogo – cada obra poderá ter associado um fórum, permitindo introduzir comentários, hiperligações sobre outras fontes de informação relacionadas com a obra, entre outros;
- disponibilizar um programa para publicar blogues⁷, associando-o ao catálogo;
- disponibilizar blogues sob a forma de serviço de referência virtual para os utilizadores poderem aprender a utilizar correctamente os catálogos, as bases de dados, a citar os recursos de informação, aceder aos guias de pesquisa, a localizar e sugerir novos recursos de informação, entre outros; este serviço pode dar lugar à criação de um repositório com todas as perguntas temáticas que se reflectem com maior frequência,

alimentado através das interacções com os utilizadores;

- disponibilizar blogues de apoio à formação dos utilizadores, quer sobre o acesso e uso dos recursos de informação, quer de apoio à info-literacia;
- internamente, os blogues poderão ser usados para publicar prospectos, boletins, relatórios, dar apoio ao desenvolvimento de trabalhos entre equipas, entre outros.

Paralelamente à disponibilização dos blogues, pode ser disponibilizada uma lista com todos os *feeds* RSS, assim como a possibilidade de criar um *feed* RSS a partir de uma pesquisa no catálogo ou outro recurso de pesquisa. A sindicância e a agregação de informação permitem melhorar significativamente o serviço de difusão de informação, ao permitir receber (e oferecer) informação actualizada através de uma simples subscrição.

Na disponibilização destas ferramentas, torna-se fundamental definir uma boa arquitectura de informação e cumprir os padrões de acessibilidade e usabilidade, potenciando uma maior disseminação dos conteúdos publicados. Deste modo, os blogues podem auxiliar a melhoria dos serviços de informação, estimulando o desenvolvimento de comunidades virtuais para a troca de informação. No entanto, também se requer que os profissionais de informação adquiram novas competências para serem capazes de lidar com estas ferramentas e interagir com esta geração de utilizadores.

Os profissionais da Informação ganham algo com os blogues?

Na era da informação, da Internet e do digital surgem novas formas de comunicação e difusão de conteúdos, de troca de opinião, de actualização de informação pertinente, enfim... novos veículos informativos e formativos, entre os quais sobressaem pela sua dinâmica os blogues.

Constituindo espaços livres de informação, os blogues têm sido, por vezes, questionados sob o ponto de vista da qualidade e da fiabilidade da informação que veiculam e da falta de estruturação dos conteúdos que disponibilizam. Contudo, existem cada vez em maior número, cresce a quantidade de utilizadores da informação que disponibilizam e ganham um espaço na vida das pessoas, espaço esse que é associado à ideia de informação actualizada em tempo real (ou quase). Representam, em suma, mudanças no comportamento informacional que estão indissociavelmente ligadas à dinâmica da Sociedade da Informação.

Para os profissionais da informação – que cada vez mais exercem a sua actividade fora da tradicional esfera da administração pública, das bibliotecas públicas, dos arquivos históricos e dos centros de documentação/bibliotecas especializados – os blogues representam não só uma oportunidade de exercício profissional, como também um veículo importante do ponto de vista formativo.

Criar e manter um blogue num contexto orgânico informal ou institucional (um espaço informativo vivo e dinâmico), seja de que tipo for, é, nos dias de hoje, um campo de trabalho que deve ser ocupado, preferencialmente, por especialistas em gerir informação. Mas, a mudança de paradigma em curso na área da Ciência da Informação não se percebe apenas nas alterações profissionais. Ao nível dos modelos formativos os novos contextos de produção, uso e preservação da informação exigem abordagens inovadoras, que requerem novas modalidades de ensino, como, por exemplo, o *e-learning*, e que podem passar também pela “exploração” dos blogues para fins educativos.

Conclusão

Os blogues constituem um fenómeno ímpar no seio da Web, pela interacção social que proporcionam. Enquanto sistema tecnológico de informação, os blogues incorporam o leque de *software* social, que, de um modo muito activo, espoletou o aumento da produção de informação na Web.

Actualmente, com alguma frequência, são disponibilizados novos serviços, protocolos e ferramentas que visam a maximização das potencialidades dos blogues enquanto ferramenta. Contudo, é através da perspectiva sistémica que podemos aferir o cerne dos blogues, ou seja, a sua essência reside na informação neles registada, sendo esta uma pequena parcela de uma heterogénea totalidade informacional (o sistema de informação) gerada/colhida por alguém que nela se projecta por inteiro.

A informação produzida e registada, quer pelas pessoas, quer pelas organizações, nos blogues ou outro *software* social, deu origem ao conceito de “inteligência social”. Deste modo, é neste substrato informacional que o profissional da informação deve reter a sua atenção, nomeadamente nos seguintes pontos:

- análise dos canais e modelos de comunicação actuais, visando a sua aplicação no seio das organizações;
- desenvolvimento de serviços de informação junto dos utilizadores para que estes enriqueçam, com o seu conhecimento, os seus produtos de informação;
- aperfeiçoamento de novos modelos de classificação da informação (classificações

híbridas), aproveitando o contributo dos utilizadores (folksonomias);

- análise do aumento das competências infocomunicacionais da população através do uso e criação de blogues;
- exploração de novos modelos formativos com base na interacção (*learning-by-interacting*), quer dos profissionais da informação, quer dos utilizadores dos serviços de informação;
- análise, gestão e integração sistémica da informação do blogue no sistema de informação de cada indivíduo ou organização; e respectivas temáticas associadas, mormente a preservação da informação, salvaguarda dos direitos de autor, a arquitectura de informação, *workflow* dos serviços em linha, entre outros.

O universo da Internet, em geral, e o dos blogues, em particular, exigem do profissional da informação uma maior reflexão sobre as condições de acesso, distribuição e uso da informação. Essa reflexão, devidamente sustentada pelo rigor científico, deve permitir ir para além dos conceitos, dando origem a novos modelos e novas práticas profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDITO, Joviana – *Dicionário da internet e do telemóvel*. Lisboa: Centro Atlântico, 2003. 359 p. ISBN: 972-8426-84-4.
- CARDOSO, Marcelo Herondino. *Software social no ambiente corporativo: transformando a produção e disseminação de conhecimento nas organizações* [em linha]. Vol. 8, n.º 4, (Agosto 2007) – [Consult. 26 Set. 2007]. Disponível na Internet em: <http://www.dgz.org.br/ago07/Art_02.htm>.
- CASTELLS, Manuel. “Emergence des médias de ‘masse individuels’”. *Le Monde Diplomatique* [em linha]. (2006). [Consult. 26 Set. 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.monde.diplomatique.fr/2006/08/CASTELLS/13744>>.
- COBO ROMANÍ, Cristóbal; PARDO KUKLINSKI, Hugo – *Planeta Web 2.0. Inteligencia colectiva o medios fast food*. Barcelona: Grupo de Investigación en Interacciones Digitales (GRID), 2007. 162 p. ISBN 978-84-934995-8-7.
- DAMES, K. Matthew. *Social software in the library* [em linha]. 2004. [Consult. 28 Set. 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.llrx.com/features/socialsoftware.htm>>.
- DAY, Michael. *Collecting and preserving the World Wide Web: A feasibility study undertaken for the JISC and Wellcome Trust* [em linha]. UK: University of Bath, 2003 – [Consult. 17 Set. 2007].
- Disponível na Internet em: <http://www.jisc.ac.uk/uploaded_documents/archiving_feasibility.pdf>.
- GOMES, Daniel – *Pesquisa e Arquivo da Web Portuguesa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. Comunicação apresentada nas V Jornadas de Ciência da Informação.
- SIFRY, David. *The State of the Blogosphere* [em linha]. 2007. [Consult. 20 Set. 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.sifry.com/alerts/archives/000493.html>>.
- SILVA, Armando Malheiro da – *A Informação: da compreensão do fenómeno à construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. ISBN: 978-972-36-0859-5
- TROCINO, Alessandro. “Registro per blog e siti Internet”. *Corriere Della Sera* [em linha]. (2007). [Consult. 22 Out. 2007]. Disponível na Internet em: <http://www.corriere.it/politica/07_ottobre_20/dl_blog_internet.shtml>.
- VEGA, José Antonio Merlo; ROJO, Ángela Sorli – “Weblogs: un recurso para los profesionales de la información”. *Revista Española de Documentación Científica*, Abr.-Jun. 2003, vol. 26, n.º 2, p. 227-236. [Consult. 20 Jul. 2006]. Disponível na Internet em <<http://exlibris.usal.es/merlo/escritos/weblogs.htm>>.

NOTAS

¹ Este artigo resulta do apelo que os colaboradores do blogue *A Informação* dirigiram a profissionais/ investigadores de diversas áreas como a Ciência da Informação, Gestão da Informação, Arquitectura da Informação, Gestão, Design, Preservação Digital, Direito, entre outras; invocando novas perspectivas, conhecimentos e reflexões sobre o acesso e o uso dos blogues. Assim, este assume-se como um ensaio, cujo resultado induz à reflexão e ao aprofundamento do conhecimento sobre variadas facetas associadas à blogosfera.

² Em Março de 2007, o *Technorati* já havia indexado mais de 72 milhões de blogues, sendo criados, em média, 120 mil blogues diários.

³ Uma fonte ou fluxo RSS é um formato que permite a gestão de conteúdo web. O RSS é uma sigla para *Really Simple Syndication* (Gestão Realmente Simples), ou para *Rich Site Summary* (Sumário de um *Website* Actualizado). Este sistema permite que os sítios web ou blogues possam distribuir notícias automaticamente, facilitando aos utilizadores o acesso à informação

actualizada das suas fontes de informação preferidas, sem a necessidade de os visitar. Adaptado de: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/RSS>>.

⁴ A Tag Cloud, ou Nuvem de *Tags*, é uma nova forma de organizar e visualizar a informação nos blogues, oferecendo uma perspectiva mais transparente dos assuntos mais relevantes e consultados pelos utilizadores. As *tags* são palavras-chave relevantes que reflectem o assunto de um determinado texto (*post*) do blogue.

⁵ Consultar: <<http://www.ibsn.org/>>.

⁶ Folksonomia (*folksonomy*) é a junção de duas palavras “folk” (povo, gente) e “taxonomia”. Em vez de se utilizar uma forma hierárquica e centralizada de categorização, o utilizador define as palavras-chave (denominadas *tags*) para classificar a informação. O resultado final é algo do género “classificação do povo”.

⁷ Consulte o exemplo da Lamson Library da Plymouth State University em: <<http://library.blogs.plymouth.edu/>>.